

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**ELIZANDRA DOMINGUES GONÇALVES**

**REFLEXÕES ACERCA DO LETRAMENTO E O FRACASSO ESCOLAR**

**CURITIBA**

**2016**

**ELIZANDRA DOMINGUES GONÇALVES**

**REFLEXÕES ACERCA DO LETRAMENTO E O FRACASSO ESCOLAR**

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Educação, Pobreza e Desigualdade Social, do Setor de Educação, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof(a). Sonia Cristina da Silva

**CURITIBA**

**2016**

## **Reflexões acerca do Letramento e o Fracasso Escolar**

**Elizandra Domingues Gonçalves**

### **RESUMO**

Para a inserção em uma sociedade letrada é necessário que o indivíduo domine as habilidades de leitura e escrita para além da alfabetização funcional, ou seja, fazer uso desses conhecimentos em diferentes contextos. No entanto, de acordo com dados do Plano Nacional de Educação (2015), 27% da população é constituída de analfabetos funcionais, considerados aqueles que têm dificuldades na compreensão de informações mais complexas, tanto sobre a leitura, quanto à matemática. Nesse sentido, o fracasso escolar que acompanha a trajetória de alunos de classes menos favorecidas justifica o presente estudo que objetiva responder por que alunos de 5º ano não leem de maneira proficiente. Para isso, buscou-se analisar os resultados da Prova Brasil de duas escolas do município de São Mateus do Sul, sendo a primeira uma instituição que enfrenta situação de vulnerabilidade social e a outra, localizada no centro da cidade, onde as famílias e, portanto, os alunos, têm melhores condições de vida. Desta forma, buscou-se identificar porque o processo escolar é obstacularizado quando se trata da aprendizagem da leitura e da escrita e, por fim, apontar caminhos para amenizar as dificuldades que esses alunos encontram nesses contextos. Inicialmente, são abordados e analisados os dados da Prova Brasil do ano de 2013 dessas duas instituições municipais, seguido do confronto dos dados de 2015, verificando avanços, retrocessos e implicações contidas. Com base nesse estudo, pode-se afirmar que os alunos provenientes das famílias de classe menos favorecidas tendem a apresentar um nível de proficiência inferior segundo as orientações do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), visto que participam de poucos eventos de letramento, pois as condições de sobrevivência impactam diretamente o interesse e estímulo aos estudos.

**Palavras-chave:** Letramento. Fracasso escolar. Pobreza.

## 1. INTRODUÇÃO

A atuação no magistério do ensino fundamental nos permite perceber um problema frequente na escola – boa parte dos alunos, ainda que em idade e série de pós alfabetização, não compreendem o que leem. E não são poucas as vezes em que dizem: “não entendi o que está escrito professora, poderia explicar de novo”. Em consequência disso, não escrevem um texto coerente e coeso, tampouco dominam a leitura ou interpretam o que leem.

No Brasil, é possível afirmar que ao longo dos últimos anos a taxa de analfabetismo vem baixando consideravelmente, segundo dados educacionais colhidos na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD 2012). No entanto, conforme dados do PNE<sup>1</sup> (2015), 27% da população é constituída de analfabetos funcionais, ou seja, são pessoas que não conseguem compreender informações mais complexas, relacionadas a leitura, escrita e também à matemática.

Para o Inaf (Indicador de Alfabetismo Funcional), são considerados quatro níveis de alfabetismo funcional:

- ✓ Analfabeto - Corresponde à condição dos que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases ainda que uma parcela destes consiga ler números familiares (números de telefone, preços etc.);
- ✓ Rudimentar - Corresponde à capacidade de localizar uma informação explícita em textos curtos e familiares (como um anúncio ou pequena carta), ler e escrever números usuais e realizar operações simples, como manusear dinheiro para o pagamento de pequenas quantias ou fazer medidas de comprimento usando a fita métrica;
- ✓ Básico - As pessoas classificadas neste nível podem ser consideradas funcionalmente alfabetizadas, pois já leem e compreendem textos de média extensão, localizam informações mesmo que seja necessário realizar pequenas inferências, leem números na casa dos milhões, resolvem problemas envolvendo uma sequência simples de operações e têm noção de proporcionalidade. Mostram, no entanto, limitações quando as operações requeridas envolvem maior número de elementos, etapas ou relações; e

<sup>1</sup> Plano Nacional de Educação

✓ Pleno - Classificadas neste nível estão as pessoas cujas habilidades não mais impõem restrições para compreender e interpretar textos em situações usuais: leem textos mais longos, analisando e relacionando suas partes, comparam e avaliam informações, distinguem fato de opinião, realizam inferências e sínteses. Quanto à matemática, resolvem problemas que exigem maior planejamento e controle, envolvendo percentuais, proporções e cálculo de área, além de interpretar tabelas de dupla entrada, mapas e gráficos.

Portanto, é importante salientar que essa classificação, embora com seja discutível, serve-nos de parâmetros para analisar os desempenhos dos alunos colaboradores da pesquisa, e pode-se afirmar que estão aquém do esperado para a idade-série.

Sendo assim, este estudo realizado com base nos dados da Prova Brasil, aplicada nos anos de 2013 e 2015, analisou os resultados de duas escolas do município de São Mateus do Sul, pois ao término do 5º ano do Ensino Fundamental os alunos já devem, ou deveriam estar alfabetizados e podendo, portanto, mudar este quadro preocupante que temos de adultos analfabetos funcionais.

Ainda, que leitura e escrita sejam processos indissociáveis, muitos professores não conseguem contemplar em seu planejamento essas duas atividades. Sendo assim, a questão que moveu esta pesquisa é: Por que alunos de 5º ano não são leitores proficientes?

Para compreender as causas dessa triste realidade que permeia o ambiente escolar e diante das conversas com colegas de profissão sobre as dificuldades de aprendizagem que os alunos têm em relação a leitura e a escrita, partiu-se dos resultados da Prova Brasil, que realizada a cada dois anos com alunos de 5º ano do ensino fundamental, apontam que os menores resultados provem de alunos oriundos de classe menos favorecida e conseqüentemente, são os que tem maiores dificuldades para aprender.

Não obstante, a maioria desses alunos chegam a escola, geralmente, sem nunca ter manuseado um livro e a distância entre estes e a maioria revela-se inatingível.

Nesse sentido, o processo alfabetizador que prevê a alfabetização e o letramento, torna-se excludente, pois a demanda em ofertar aos alunos o que ainda

não tiveram não está contemplada nas matrizes curriculares. É árduo o momento em que se chega ao final de um ano letivo e precisa-se reter um aluno, pois o mesmo não se encontra preparado para avançar para a série seguinte e o principal motivo das reprovações - o aluno não interpreta o que está lendo e, portanto, o que o prejudica em todas as disciplinas e muitas vezes, a vida toda, deixando este aluno com “repulsa” da escola”, sentindo-se incapaz e fracassado.

Para apresentar essas reflexões, o texto está organizado pelos temas a seguir descritos: Letramento e alfabetização: situando a leitura; O papel da escola e o fracasso escolar; Letramento e pobreza no município de São Mateus do Sul e por fim, a Prova Brasil. Constam ainda no artigo, a metodologia utilizada na pesquisa, as análises do trabalho e as considerações finais.

## **2. LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO: SITUANDO A LEITURA**

De acordo com Soares (2009, p. 33), o termo letramento foi inicialmente empregado no Brasil em 1986 pela professora Mary Kato na obra “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística, como tradução da expressão inglesa *literacy*, ou seja, estado de ser letrado.

No entanto, as reflexões sobre esse conceito datam de meados dos anos 90, e em virtude das altas taxas de repetência e analfabetismo, manifesta-se a necessidade da discussão sobre os processos de alfabetização. De fato, as discussões sobre alfabetização demandam a compreensão do sistema alfabético e também seu funcionamento na vida cotidiana. Os estudos de Ferreiro e Teberoski, psicolinguistas argentinas, afirmam que o conhecimento se dá na interação do sujeito com o objeto do conhecimento, e deste modo, antes de chegar a escola as crianças já trazem hipóteses sobre a leitura e escrita. (MENDONÇA E MENDONÇA, 2016, p.37)

Nesta perspectiva, a busca pelas causas do porquê alunos supostamente alfabetizados não compreendem o que leem, implica no entendimento e na relação do alfabetizar e letrar, intuindo que a leitura esteja presente nos dois, pode-se dizer que é consenso que os conceitos de letramento e alfabetização são indissociáveis. Segundo Soares (2009), letramento é:

resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo

como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. (SOARES, 2009, p.39)

Em um sentido ampliado da alfabetização, consiste em práticas de leitura e escrita, que vão além da alfabetização funcional, pois, para vivermos em uma sociedade letrada, só a alfabetização não é suficiente, é necessário que o aluno domine as habilidades de leitura e escrita para ir além, ou seja, saber fazer uso da leitura e da escrita em diferentes contextos.

Assim, não se trata de escolher entre alfabetizar ou letrar; trata-se de alfabetizar letrando. Também não se trata de pensar os dois processos como sequenciais, isto é, vindo um depois do outro, como se o letramento fosse uma espécie de preparação para a alfabetização, ou, então, como se a alfabetização fosse condição indispensável para o início do processo de letramento. (PRÓ-LETRAMENTO, 2008, FASCÍCULO 1, p.12)

A leitura surge como um instrumento que instiga a confrontar ideias, ideais e valores. É o início da formação da capacidade crítica, que, de acordo com Freire (2006), não se esgota na decodificação da palavra ou na linguagem escrita, é preciso buscar a construção do significado e não somente, a decodificação. Portanto, letrar é mais que alfabetizar, é compreender as funções da leitura e da escrita, como parâmetro essencial para conviver em um mundo globalizado<sup>2</sup>, apto para encarar os desafios que se interpõe à sua vida, como o avanço das inovações tecnológicas.

A vida em uma sociedade letrada é marcada pelo contato com textos dos mais variados. Outdoors, e-mails, anúncios, editoriais, contos, crônicas, notícias, panfletos, são alguns dos muitos textos que lemos com frequência;

o cidadão comum de uma nação moderna é alguém que chega à vida adulta capacitado para ler e entender manuais, relatórios, poesia, prontuários, atlas, novelas, resumos, gráficos, tabelas, ensaios, artigos, compêndios, sumários e todas as outras formas de escrita impressa ou eletrônica. (DE FIORE, 2001, p. 28).

Em todos os textos, está presente o mesmo desafio - como interpretar de modo adequado seu significado? É necessário que se identifique no processo de alfabetização tanto o sentido amplo, pleno do domínio das práticas de leitura e

---

<sup>2</sup> Que sofreu ou sofre o processo de globalização. Para saber mais ver DE FIORE. **Letramento Funcional**. Revista Leitura. SP: Vozes, 2001

escrita nas diversas situações de comunicação, quanto o sentido estrito, mais vinculado aos anos iniciais do ensino fundamental. Segundo Ferreiro (2006)<sup>3</sup>

[...] poder transitar com eficiência e sem temor numa intrincada trama de práticas sociais ligadas à escrita. Ou seja, trata-se de produzir textos nos suportes que a cultura define como adequados para as diferentes práticas, interpretar textos de variados graus de dificuldade em virtude de propósitos igualmente variados (FERREIRO, 2006)

A criança desde o nascimento tem contato com a escrita, na esfera do lar, de uma maneira ou outra, ela está inserida no mundo das letras, o que muda são os níveis de letramento, pois,

chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. (FERREIRO, 1999, p.23)

Na escola, as crianças passam a ter contato mais amplo com as letras, é o início da alfabetização e a continuação do letramento. Nas palavras de Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011, p. 129):

[...] letramento, como o compreendemos hoje, diz respeito a esse amplo fenômeno dos usos da escrita em diferentes espaços sociais, com diferentes propósitos, em diferentes níveis de escolarização; quer em gêneros do discurso secundários que requeiram alta escolarização, quer em gêneros do discurso primários que demandam níveis mínimos de escolaridade. [...]

Isto é, esses processos fazem parte da vida humana e a escolarização é fator necessário para a formação do sujeito letrado, contudo, letramento é um conceito de grande complexidade, mas que faz parte do processo e proporciona a atuação do sujeito na sociedade.

Por outro lado, é preciso ampliar as discussões pois tais processos da educação escolar não estão acontecendo a contento, visto que nessa pesquisa apresenta-se a condição social como uma das causas para a obstacularização do letramento.

Entende-se que ao chegar no 5º ano do ensino fundamental a leitura demanda certa proficiência e que o letramento é inerente ao percurso, porém, o fracasso escolar compreende outros fatores, que não poderiam esgotar-se nessa pesquisa, mas que apontam as causas que impactam diretamente na condição do ser letrado.

---

<sup>3</sup> 2 Entrevista à Revista Nova Escola: Emilia Ferreiro: "O momento atual é interessante porque põe a escola em crise" Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao-inicial/momento-atual-423395.shtml>.



### 3. O PAPEL DA ESCOLA E O FRACASSO ESCOLAR

Grande parte do fracasso escolar é atribuído a classe social. Bossa (2002) destaca a importância da maneira como se aborda a questão pois:

[...] a questão do fracasso escolar do ponto de vista dos fatores sociopolíticos, visto que dizem respeito à manutenção das más condições de vida e subsistência de grande parte da população brasileira, e não podemos consentir que o discurso científico se preste a perpetuar tal estado de coisas (BOSSA, 2002, p. 25).

Os índices de analfabetismo constituem-se como problemas das classes menos privilegiadas. A culpa está no aluno e na sua condição social. As políticas sociais e educacionais ao invés de buscar uma solução para erradicar o problema, insistem em dizer que a pobreza ocasiona os problemas de aprendizagem, o que é um descaso para as reais causas do problema. Para Scoz ,

a pobreza dos alunos aparece com o forte determinante dos problemas de aprendizagem, todavia ressalta que sem querer negar que grande parte do fracasso de alguns alunos pode estar relacionada à pobreza material às que estão submetidos, é importante estar atento para que a baixa renda das famílias não seja utilizada como justificativa para o insucesso escolar das crianças, eximindo a escola, sua organização didático/ pedagógica, seus agentes e suas condições internas de qualquer responsabilidade. (SCOZ, 1994, p. 81)

É claro que as crianças em condições menos favorecidas tem uma tendência a apresentar dificuldades de aprendizagem, pois muitas vão para a escola esperando encontrar na instituição escolar uma maneira de saciar sua fome, além disso participam de poucos eventos de letramento, pois devido à sua condição financeira não tem acesso à bens culturais, viajam pouco, e os eventos do qual fazem parte muitas vezes, restringe-se à escola e à igreja. Porém, a escola, as políticas educacionais devem priorizar o ensino para todos.

É, no mínimo, incoerente concluir, a partir de seu rendimento, numa escola cujo funcionamento pode estar dificultando, de várias maneiras, sua aprendizagem escolar, que a chamada “criança carente” traz inevitavelmente para a escola dificuldades de aprendizagem”. (PATTO, 1996, p.340)

Corroborando com Patto, Spozati (2000), afirma que é preciso considerar fatores internos quanto externos à escola, quando se trata de fracasso escolar. Geralmente, em famílias de classe baixa os pais também não tiveram sucesso na aprendizagem, pois desde cedo são obrigados a largar a escola para dedicar-se ao trabalho. A escola enquanto uma instituição responsável por formar cidadãos deve

respeitar os limites da criança, abandonar o rótulo imposto pela sociedade de que pobre não aprende e que não tem condições para se desenvolver como uma criança de maior poder aquisitivo. Analisar a distância que a escola mantém de seus alunos é uma das formas de minimizar o problema do fracasso escolar, ou seja, estar com o olhar atento para aquela criança que está apresentando dificuldades de aprendizagem.

Preconceitos e estereótipos sobre o pobre e a pobreza são em maior ou menor grau observados como justificadores das dificuldades de aprendizagem escolar. Estes estereótipos giram em torno da inadequação da família, quer por uma suposta ausência dos pais no lar, quer pela forma como deduzem que estas famílias se organizam ou por possíveis problemas morais ou psíquicos que lhes são constantemente atribuídos. (CAMPOS 1995, p. 100)

Embora todas as crianças possuam capacidade de aprender, independentemente de sua classe social, o problema está também, na atenção que não é dada pelo sistema de ensino, quando uma criança está apresentando dificuldades. Taxada como preguiçosa, incapaz e desinteressada, o próprio sistema educacional não contribui para minimizar o problema do fracasso, visto que não atua nas causas, mas na superficialidade do problema. Ao tratar das desigualdades sociais e aprendizagem amplia-se a discussão e com base nos desempenhos dos alunos e estudos de referência, pode-se afirmar que inúmeros problemas perpassam o ambiente escolar. De acordo com Abramowicz, Rodrigues e Cruz (2009, p. 112), “o debate e a ênfase que se dá à relação entre desigualdade social e não aprendizagem continuam presentes como razão fundamental e explicativa dos baixos desempenhos escolares de alunos das classes populares. ”

A falta de entusiasmo para frequentar a escola é uma das justificativas para a repetência e a evasão. Segundo Torres (2004, p. 34), é “a ‘solução’ interna que o sistema escolar encontra para lidar com o problema da não aprendizagem ou da má qualidade de tal aprendizagem”. A criança apenas vai para a escola porque são “obrigadas” perante o sistema educacional até completar 18 anos de idade.

É preciso compreender que o fracasso escolar é causado por diversos aspectos: institucionais, políticos, históricos, sócio - econômicos e ideológicos. Toda a unidade escolar deve estar preparada para compreender e trabalhar com essa diversidade. [...] dentre os demais fatores que levam os jovens para longe das escolas, está o distanciamento de sua realidade pessoal. (SPOZATI, 2000, p.27). Os alunos precisam encontrar sentido ao que está sendo ensinado.

As diferentes práticas pedagógicas produzem resultados que podem estar vinculados tanto ao fracasso traduzido no desinteresse, na evasão e na repetência, no tédio, como às diversas formas de experiências potencializadoras de produções de conhecimento. (PATTO, 2004, p. 200)

Cabe a escola entender o seu papel enquanto instituição que deve lutar contra a exclusão social. Os alunos precisam “encontrar-se” na escola e não se distanciar dela. É imprescindível considerar os conhecimentos prévios do aluno, respeitando os saberes adquiridos fora do contexto escolar.

Porque não aproveitar a experiência que tem os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. (FREIRE, 1989, p. 16).

Ao respeitar os saberes socialmente construídos pelos alunos, a escola pode discutir com eles a razão dos saberes em relação ao ensino dos conteúdos, discutir os problemas por eles vividos, estabelecendo uma intimidade entre os saberes curriculares, fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos. Discutir as implicações políticas e ideológicas, sociais e econômicas e a ética de classe relacionada a descasos. Disso, deriva-se a condição da apropriação dos conhecimentos e do posicionamento frente as condições impostas e vividas no cotidiano.

Ainda que a escola tenha papel importante nesse processo é preciso destacar que,

[...] não dizemos mais que a escola é a mola das transformações sociais. Não é, sozinha. As tarefas de construção de uma democracia econômica e política pertencem a várias esferas de atuação da sociedade, e a escola é apenas uma delas... tem, também o compromisso de ajudar os alunos a tornarem-se sujeitos pensantes, capazes de construir elementos categoriais de compreensão e apropriação crítica da realidade. (LIBÂNEO, 1998, p.09-10).

Enquanto professores, devemos trabalhar para que a aprendizagem realmente ocorra. O cotidiano da escola é repleto de diversidades, cabe à escola, enquanto mediadora de saberes, respeitar e trabalhar com essa diversidade, organizando um currículo flexível, aberto a reflexão.

Ampliar o nível de letramento é definir o que realmente é importante para o aluno aprender, que será significativo para a sua constituição de cidadão, possibilitando sua atuação na vida em sociedade.

#### **4. LETRAMENTO E POBREZA NO MUNICÍPIO DE SÃO MATEUS DO SUL**

Conforme o Censo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) 2010 a população de São Mateus do Sul é de 41.257 residentes, dentre eles 2.038 encontram-se com renda per capita inferior de R\$ 70,00 (setenta reais), ou seja, 4,9 % da população de São Mateus do Sul vive em situação de extrema pobreza. Pode-se observar que da população em extrema pobreza, 1.026 são mulheres (50,3%) e 1.012, homens (49,7%).

Quanto à educação, das pessoas com mais de 15 anos em extrema pobreza, 54 não sabiam ler ou escrever, o que representa 4,3% dos extremamente pobres nessa faixa etária. Dentre eles, 32 eram chefes de domicílio. O Censo de 2010 revelou que no município havia 194 crianças de 0 a 3 anos na extrema pobreza não frequentando creche, o que representa 94,3% das crianças extremamente pobres nessa faixa etária. Entre aquelas de 4 a 5 anos, havia 59 crianças fora da escola (63,2 das crianças extremamente pobres nessa faixa etária) e, no grupo de 6 a 14 anos, era 00 (0,0%). Por fim, entre os jovens de 15 a 17 anos na extrema pobreza, 45 estavam fora da escola (20,2%) dos jovens extremamente pobres nessa faixa etária.

O que chama a atenção nestes dados é a quantidade de chefes de família que declararam não saber ler ou escrever, pois, conforme definição dos autores dessa pesquisa, letramento demanda o uso, a apropriação da escrita e da leitura nas situações e contextos diversos, para tornar-se letrado é necessário que se viva em um contexto rico em situações que exijam e estimulem a leitura e a escrita.

Da população de aproximadamente cinco por cento que vivem em extrema pobreza no Município de São Mateus, boa parte compõe os bancos escolares da escola B<sup>4</sup> da pesquisa e, portanto, a aferição das condições sociais no impacto dos desempenhos desses alunos, em especial nas condições de dificuldades de compreensão e interpretação sobre o que leem, apontam que o fracasso escolar não pode assumir uma condição determinista ignorando explicações de ordem social, econômica e cultural.

Por outro lado, ao tratarmos de alunos das camadas populares, situando-os no contexto escolar, é importante salientar que diversas são as razões para o fracasso escolar, e para além das polarizações é preciso analisar o contexto,

---

<sup>4</sup>Denominação dada a escola de campo nesta pesquisa

compreendendo as questões não só familiares, e de sobrevivência, que se impõe como vitais, mas também, das implicações da comunidade escolar que também se inserem nesse processo.

No município de São Mateus, de acordo com os dados coletados a escola A, no ano de 2013, dos alunos que realizaram a Prova Brasil, apenas 3 eram contemplados com o benefício do Bolsa Família. Enquanto que na escola B, dos 36 alunos que realizaram a Prova Brasil, 25 eram integrantes do Programa. Já em 2015, a escola A, 50 alunos realizaram a prova e apenas 6 alunos recebiam o Bolsa família, na escola 2, 36 alunos realizaram a Prova Brasil e 29 alunos recebiam o benefício.

Para preservarmos a identidade das escolas, denominamos de escola A, a que apresenta maior nível de proficiência e de escola 2 B a de menor nível de proficiência.

A escola A localiza - se no centro da cidade. Possui 250 alunos. As famílias dos alunos desta escola trabalham a grande maioria no setor comercial, setor público e pequenos empreendedores, sendo desta forma todos de classe média.

Já a escola B localiza-se na zona rural do município, na comunidade de Lajeado, há 15 quilômetros do centro da cidade. Esta unidade de ensino possui 173 alunos. As famílias dos alunos vivem basicamente da agricultura, sendo a grande maioria de classe baixa. Na tabela 1 apresentamos os resultados referentes à Prova Brasil nos anos de 2013 e 2015.

**Tabela 1- Médias Prova Brasil 2013/2015 - 5º ano do Ensino Fundamental**

<b>2013</b>		<b>2015</b>	
<b>Escola A</b>	<b>Escola B</b>	<b>Escola A</b>	<b>Escola B</b>
<b>220,60</b>	<b>205,3</b>	<b>238,57</b>	<b>205,12</b>

**FONTE: INEP - PROVA BRASIL<sup>5</sup>**

Os números correspondem aos resultados obtidos nos dois anos de referência que tem como teto o valor de quinhentos (500) pontos.

## **5. PROVA BRASIL**

<sup>5</sup> Prova Brasil não apresenta os dados individuais de cada aluno, mas, o resultado de cada unidade escolar, ou seja, produz informações sobre o conjunto de estudantes que responderam aos testes

A Prova Brasil foi criada em 2005 para avaliar alunos de 4ª série e 8ª série, hoje 5º ano e 9º ano, com o objetivo de oferecer subsídios para as políticas públicas a respeito da educação brasileira. A prova avalia o ensino da leitura, em Língua Portuguesa, e a resolução de problemas, em Matemática. Através de uma escala de medida de 0 a 500 pontos, analisa a competência leitora do aluno. A escala de proficiência de Língua Portuguesa tem nove níveis de 125 a 350. Entretanto, ainda não foi definido em que nível um aluno que apresenta um domínio pleno da leitura deve estar. O movimento Compromisso Todos pela Educação determinou que os alunos do 5º ano devem ter uma nota acima de 200 pontos (nível 4), critério que foi adotado pelo PDE (Plano de desenvolvimento da educação).<sup>6</sup>

Em relação a gestão do município, atualmente existe o início de um projeto que tem o objetivo de fomentar a articulação entre as Políticas Públicas, a fim de consolidar estratégias para erradicação da fome, entre elas a Secretaria Municipal de Educação de São Mateus do Sul, que oferece um número maior de vagas para o Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI para aquelas famílias que se encontram em situação de extrema pobreza.

## **6. METODOLOGIA**

Para realizarmos a presente pesquisa, selecionamos duas escolas do município de São Mateus do Sul-Paraná, distante 152,57 km da capital- Curitiba. Segundo o censo de 2010, a população é cerca de 41. 257 habitantes. Composta de trinta e oito escolas municipais, a seleção foi feita considerando-se os objetivos da pesquisa: analisar os dados de uma escola do meio urbano, onde os alunos vêm de uma família com bom poder aquisitivo, tem acesso a bens culturais, fazendo uma comparação com os dados de uma escola do campo, onde as famílias são de classe baixa, excluídos do acesso à internet e enfrentam um problema de vulnerabilidade social.

O trabalho foi desenvolvido através da revisão bibliográfica e pesquisa documental e especificamente no site do Inaf com os dados de 2013 e 2015, dos resultados da Prova Brasil. Também foram pesquisados dados no site da prefeitura

---

<sup>6</sup> PDE – ver [www.diaadiaeducacao.pr.gov.br](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br)

do município de São Mateus do Sul, para buscar informações das instituições analisadas. Desta forma, buscou-se identificar porque o processo escolar é obstacularizado quando se trata da aprendizagem da leitura e da escrita e, por fim, apontar caminhos para amenizar as dificuldades que esses alunos encontram nesses contextos. Assim, foram abordados e analisados os dados da Prova Brasil do ano de 2013 dessas duas instituições municipais, seguido do confronto dos dados de 2015, verificando avanços, retrocessos e implicações contidas.

## 7. ANÁLISE DE INFORMAÇÕES COLETADAS

Retomando o objetivo de investigar o porquê dos alunos de 5º ano de ensino fundamental, não serem leitores proficientes, podemos observar que a escola A apresentou resultados bem mais elevados que a escola B. Sua média de proficiência foi 220,60, no ano de 2013 e 238,57 no ano de 2015. Já a escola B, no ano de 2013, obteve 205,3 e 205,12 no ano de 2015, como média de proficiência.

Isso significa que, os alunos que vêm de uma classe menos favorecida apresentam dificuldades de interpretação mais acentuadas. Embora, ambas apresentem resultados limítrofes.

Percebe-se através dos dados analisados nas escolas A e B, quantitativamente, que a aprendizagem está intimamente ligada as condições sociais dos alunos. A escola A uma escola situada no centro da cidade, e as famílias tem maior poder aquisitivo. Já a escola B é uma escola do campo, que enfrenta uma condição de vulnerabilidade social. Contudo, ampara-se nos estudos de fundamentação e pode-se perceber que ao analisarmos os condicionantes do fracasso escolar reforça-se o papel da escola em reconhecer que a pobreza e as desigualdades existem e para isso é necessária uma reflexão sobre as práticas pedagógicas. Analisar os resultados e rever o planejamento, com o objetivo de fazer com que todos os alunos avancem no processo de ensino aprendizagem.

Segundo Sordi (2009, p. 38):

A avaliação da escola pública deve servir para que esta cumpra seu compromisso social e potencialize às camadas sociais mais desfavorecidas o direito de conhecer e interpretar o mundo que habitam. [...] Processos de avaliação são sempre reveladores de algo.

Entretanto, o instrumento da pesquisa – PROVA BRASIL, tem como principal objetivo analisar a ineficiência do ensino nas classes menos favorecidas.

As avaliações e aqui referimo-nos especificamente a Prova Brasil, devem contribuir para que as políticas públicas possam pensar ações para melhorar a qualidade da educação pública, contemplando também as classes populares, visando um ensino que pratique a equidade. Os resultados das avaliações externas devem nortear o trabalho do professor em sala de aula, levando-o a uma reflexão sobre o saber fazer docente.

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os dados apontam para uma questão problemática, os alunos que vem de uma família de classe menos favorecida tendem a apresentar um nível de proficiência inferior aos alunos que vem de uma classe privilegiada. Partindo dessa premissa, surgem questionamentos a respeito do objetivo da escola para minimizar as desigualdades e propiciar condições para que todos os alunos alcancem um nível pleno de alfabetismo. Alunos que vem de uma família com poder aquisitivo podem desde a esfera do lar, ter contato com livros de histórias entre outros meios de acesso a bens culturais. O que não acontece com alunos oriundos de uma classe desfavorecida socialmente. Filhos de pais com menor poder aquisitivo, o seu primeiro contato com as letras muitas vezes só ocorre na escola, e no ambiente escolar é que vão se apropriar da leitura de maneira efetiva. Dessa forma, a escola deve trabalhar para cumprir sua função social.

Sabe-se que o ato da leitura está entranhado nas práticas pedagógicas em sala de aula, no entanto, um trabalho planejado com os gêneros discursivos significativos se faz necessário. As atividades de leitura e escrita são indissociáveis, uma complementa a outra. A vida em uma sociedade grafocêntrica<sup>7</sup> é marcada pelo contato com textos dos mais variados gêneros: outdoors, e-mails, anúncios, notícias, contos crônicas, em todos esses textos encontra-se o desafio de compreender o que está escrito, ser um leitor proficiente é também função da escola e a revisão do currículo e a proposição de ações pedagógicas para contemplar todos os alunos é uma exigência. Além disso, através dos resultados da Prova Brasil, é necessário, que todo o corpo docente da escola possa rever também as avaliações internas, fazendo uma “autoavaliação”.

---

<sup>7</sup> Sociedade que é centrada na escrita



O que não está dando certo é possível e deve ser mudado. A escola pode também motivar os alunos para que os mesmos vejam sentido no que estão estudando, trabalhar para que nossos alunos se transformem em estudantes, pois o que vemos constantemente é uma grande massa de “seres”, com um infinito potencial, todavia essa capacidade acaba perdendo-se em uma imensa quantidade de conteúdos, muitas vezes sem vínculo com a realidade do aluno. Fornecer aos alunos um instrumento que possibilite a mudança e a formação do ser letrado é função de toda equipe docente responsável pelo processo ensino-aprendizagem.

Vale ressaltar que é papel das políticas públicas, valorizar os profissionais da educação e oferecer recursos didáticos para que possam desenvolver um trabalho de qualidade nas escolas, com a oferta de uma formação continuada efetiva.

## 9. REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A., RODRIGUES, T. C., CRUZ, A. C. J. **Fracasso escolar na sociedade de controle e “Aprendi o que é ser preto sob o racismo da escola”**. In ARROYO, Miguel G.; ABRAMOWICZ, Anete (Orgs.). A Reconfiguração da Escola.

ANTUNES, Irandé. Ed. Aula de Português: Encontro & Interação. 2ª Ed., Parábola, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BOSSA, Nádia A. **Fracasso escolar – um olhar psicopedagógico**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Básica (SEB). **Pró-letramento: alfabetização e linguagem**. Brasília: MEC; SEB, 2007.

CAMPOS, Nilce Maria Altenfelder Silva de Arruda. **O insucesso escolar: um estudo sobre as condições e concepções existentes nas instituições família/escola**. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, 1995.

DE FIORE. **Letramento Funcional**. Revista Leitura. SP: Vozes, 2001.

FERREIRO, Emilia. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999. 102p v.2.

FREIRE, Paulo. **A importância de ler**. Ed. São Paulo: Cortês, 2006. Macedo, Donaldo, Alfabetização, linguagem e ideologia Educação.

IBGE. **Instituto brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=412560&search=parana|sao-mateus-do-sul>. Acesso em outubro de 2016.

INEP. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. Disponível em: <http://provabrasil.inep.gov.br/>. Acesso em outubro de 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente** / José Carlos Libâneo, 4ª Ed. – São Paulo: Cortez, 2000. - (Coleção Questões da Nossa Época: v. 67).

MENDONÇA, O.S; MENDONÇA, O.C. **Psicogênese da Língua Escrita: contribuições, equívocos e consequências para a alfabetização** – UNESP.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1996.

PNE. **Plano Nacional de Educação**. 2015. Disponível em: <http://www.observatoriodopne.org.br/metaspne/9-alfabetizacao-educacao-jovens-adultos>. Acesso em setembro de 2016.

PNAD. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2012**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/educacao/2013/09/pnad-2012-cai-o-percentual-de-pessoas-sem-instrucao>. Acesso em setembro de 2016.

RODRIGUES, Rosângela Hammes Linguística aplicada: **Ensino de língua materna** / Rosângela Hammes Rodrigues, Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti. – Florianópolis : LLV/ CCE/UFSC, 2011.

ROJO, R. **O letramento escolar e os textos de divulgação científica: a apropriação dos gêneros de discurso na escola**. Linguagem em (Dis)curso. Tubarão, SC, v. 8, n. 3, p. 581-612, set./dez. 2008.

Soares, Magda, **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação.

\_\_\_\_\_. **Português: uma proposta para o letramento: ensino fundamental**. São Paulo: moderna, 1999.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: contexto, 2004.

SORDI, M. R. L. de; LUDKE, M. **Da avaliação da aprendizagem à avaliação institucional: Aprendizagens necessárias**. Avaliação, Campinas: Sorocaba, SP, v.14, n. 2, p. 267-290, jul, 2009.

SCOZ, Beatriz, **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem**. 6Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

SPOSATI, A., KOGA, D. (Coord.). **Cartografia da exclusão/inclusão social da criança e do adolescente de São Paulo**. São Paulo : Educ, 1997.

TORRES, R. M. **Repetência Escolar: Falha do aluno ou falha do sistema.** In MARCHESI, A; GIL, C. Hernández & Colaboradores. Fracasso Escolar: uma perspectiva multicultural. Porto Alegre: Artemed, 2004, p.34-42.